

**TREINADORES DE FUTEBOL NO BRASIL:
INDÍCIOS PRELIMINARES SOBRE FORMAÇÃO E CARREIRA**Heitor Luiz Furtado^{1,2}Arthur Goulart²Douglas Simon²**RESUMO**

O presente trabalho teve como objetivo identificar o perfil dos treinadores de futebol das Séries A e B do Campeonato Brasileiro de 2017. Caracteriza-se como um estudo exploratório descritivo/exploratório. Como foco da análise, foi utilizado os treinadores do Campeonato Brasileiro de Futebol Série A e B de 2017, no qual haviam 40 equipes participantes. Para coleta de dados foi utilizada a plataforma eletrônica ogol.com.br, que consiste em um banco de dados disponíveis acerca de atletas, treinadores e equipes, o próprio site dos clubes. Os resultados apontam que dos 40 treinadores 30 possuem experiência com ex-atleta de futebol profissional, apenas 14 destes possuem formação em Educação Física e 47% são considerados treinadores iniciantes, 40% são treinadores em consolidação e 13% considerados treinadores experientes. Sugere-se novos estudos que busquem analisar e compreender acerca da figura dos treinadores de futebol, algo ainda bastante polêmico e pouco tematizado.

Palavras-chave: Futebol. Capacitação de treinadores. Carreira.

ABSTRACT

Football Coaches in Brazil: preliminary clues about training and career

The present work aimed to identify the profile of the football coaches of the A and B Series of the Brazilian Championship of 2017. It is characterized as an exploratory descriptive / exploratory study. As a focus of the analysis, the coaches of the Brazilian Football Championship Series A and B of 2017 were used, in which there were 40 participating teams. For data collection the electronic platform ogol.com.br was used, which consists of a database available on athletes, coaches and teams, the club's own website. The results show that 40 of the 40 coaches have experience with a former professional football player, only 14 of them have physical education and 47% are considered beginners coaches, 40% are coaches in consolidation and 13% are experienced coaches. We suggest new studies that seek to analyze and understand about the figure of football coaches, something still quite controversial and little thematized.

Key words: Football. Training of trainers. Career.

1-Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba-PR, Brasil.

2-Departamento de Educação Física e Desporto, Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau-SC, Brasil.

E-mails dos autores:

heitorluizfurtado@gmail.com

arthur_goulart28@hotmail.com

douglasswelter@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Entre equipes, títulos e carreiras os treinadores de futebol ocupam lugares centrais nas equipes de futebol. No contexto nacional ser treinador, em qualquer que seja o nível ou a divisão apresenta-se como uma difícil tarefa na medida que a pressão e a instabilidade no cargo são bastante altas.

Discutir acerca desta figura parece ser importante na medida que busca entender com maior profundidade acerca de elementos tais como: processo de formação, constituição profissional, bem como elementos constitutivos da carreira como um todo.

O treinador se refere a alguém com profundo conhecimento tanto a nível de jogo como por questões metodológicas e de gestão, assumindo papel relevante nas equipes esportivas sendo-lhes atribuídas diferentes funções tais como técnico, gestor, líder e educador.

No âmbito do futebol uma das discussões mais presentes e polêmicas consiste na constituição e formação dos treinadores. A presença de ex-atletas é quase uma condição necessária para a atuação como treinador de futebol.

Tal situação, mesmo que bastante comum ainda carece de maiores estudos, na medida que mesmo tendo sido jogador de futebol profissional, cada sujeito possui diferentes processos de formação profissional.

Aliado a isso, tem crescido principalmente a nível nacional o fortalecimento dos cursos específicos para a formação de treinadores, o caso da Escola Nacional de Treinadores oferecidos pela Confederação Brasileira de Futebol-CBF.

Talamoni e colaboradores (2013) salientam que, é comum no futebol brasileiro constatar a inserção de ex-jogadores nos quadros técnicos de muitos clubes, bem como, de treinadores com ou sem formação específica tornando assim perceptível a necessidade de pesquisas voltadas à investigação da formação e atuação de treinadores.

Corroborando, Tozetto (2016) aponta que as situações de aprendizagem formal e informal, como a preparação dos treinadores, e, a experiência como atleta e treinador, podem contribuir para a formação e posteriormente, atuação.

Percebe-se que mesmo que de forma incipiente, o campo acadêmico, mais precisamente a educação física tem buscado

analisar, compreender acerca da figura do treinador esportivo por diferentes perspectivas.

Situando tal movimento Gallati e colaboradores (2016) buscaram apresentar uma visão geral das produções científicas brasileiras no período de 2000 a 2015 sobre o *coaching* esportivo tendo selecionado 81 artigos em 8 diferentes revistas científicas.

Os resultados encontrados apontam que 37,7% dos artigos encontrados, se situavam acerca do pensamento dos treinadores sobre a função, as atribuições, ou desafios; 29,5% dos trabalhos situados nos comportamentos dos treinadores sejam eles em treinamentos ou competições.

Já em relação as abordagens das pesquisas realizadas 48,7% dos trabalhos utilizaram métodos qualitativos de pesquisa, enquanto 40,3% utilizaram métodos quantitativos e 20,9% utilizaram métodos mistos na construção das suas produções.

Mesquita e colaboradores (2013) desenvolveram trabalho cujo objetivo foi apresentar nova abordagem na formação de treinadores apresentado possíveis mudanças e ressignificações.

Segundo os autores é possível perceber um aumento significativo nos últimos anos da inserção de algumas disciplinas relacionadas às atividades dos treinadores nos cursos de formação inicial.

Essas disciplinas diretamente relacionadas com o treinamento, tais como Psicologia, Filosofia, Sociologia, Aprendizagem Motora e Pedagogia decorrendo de uma maior investigação no tema.

Mesmo com o aumento nessas pesquisas, ainda se encontra formação centrada no caráter empírico, apenas pelas experiências práticas, não atendendo as necessidades complexas da atividade de um treino elaborado (Mesquita e colaboradores, 2013).

As pesquisas na área do treino desportivo, relacionadas com a atividade do treinador (Coaching Desportivo), têm vindo a aumentar consideravelmente nos últimos anos afirmando a sua legitimidade como disciplina acadêmica.

Para tal, tem contribuído o conhecimento desenvolvido em diferentes disciplinas da área do desporto, como é exemplo a Psicologia, a Sociologia, a Filosofia, Aprendizagem Motora e a Pedagogia.

Porém, ainda que a produção científica nesta área tenha vindo a aumentar, a

abordagem prevalecente é de caráter racionalista não atendendo à natureza complexa do treino (Mesquita e colaboradores, 2013).

Em artigo publicado no site especializado em futebol (www.universidadedofutebol.com.br) a regulamentação da profissão de treinador de futebol no Brasil vem sendo debatida há muitos anos.

Nesta disputa estão, de um lado, as entidades que representam os profissionais de Educação Física, em especial CONFEF (Conselho Federal de Educação Física) e CREF's (Conselhos Regionais de Educação Física) e do outro, instituições sindicais representativas dos treinadores que não são certificados pelas Escolas de Educação Física, geralmente liderados por ex-atletas que pleiteiam ou já exercem a função de treinadores em clubes ou outras instituições futebolísticas.

Os resultados salientam que os treinadores com formação federativa mais elevada, níveis II e III, reconhecem menores necessidades de formação que os treinadores sem formação nas áreas do Treino, Competição e Papel de Formador. Por sua vez, os treinadores mais experientes reconheceram menores necessidades de formação nos domínios do Treino, da Gestão Desportiva e do Papel de Formador em relação aos menos experientes.

Percebe-se que ainda é necessário o entendimento da valorização de uma cultura de formação, que de certa forma ainda não é presente no futebol, onde os saberes práticos sobrepujam os saberes de outros processos formativos.

Os números apontam essa superioridade entre os treinadores tanto da Série A quanto da Série B, por isso que há uma grande procura entre os treinadores para obter essa valorização da cultura de formação, indo atrás de cursos licenciados pelas entidades esportivas brasileiras, pelos cursos de graduação reconhecidos pelo MEC, e também por cursos que vão além de uma formação no país de origem e além de um conhecimento teórico que todos conhecem. Podemos afirmar que a profissão de ser um treinador de futebol de um clube de alto rendimento está indo muito além do que era conhecido e imaginado.

A formação de um treinador de futebol requer uma dedicação e competência dos

treinadores para exercê-la de maneira eficaz. Essa formação pode ser classificada como:

1 - Formação Formal, onde o técnico terá acesso a graduação, as universidades, voltadas para o mundo acadêmico onde a Educação Física entra com o papel principal para essa formação;

2 - Formação não formal, onde o técnico tem acesso aos cursos ofertados pelas entidades esportivas, no Brasil os principais cursos nesse contexto são conhecidos pelos cursos da CBF;

3 - E por último a formação informal, onde o técnico tem a real experiência no meio esportivo, devido aos anos dedicados a prática da modalidade como atleta.

Neste sentido o presente trabalho teve como objetivo identificar o perfil dos treinadores de futebol das Séries A e B do Campeonato Brasileiro de 2017 sendo norteado pelas seguintes questões de pesquisa: Qual o perfil dos treinadores de futebol das Séries A e B quanto a idade, ao número de equipes e títulos? Qual a relação entre o fato de ter sido ex-atletas e a função de treinador de futebol? Quais as características dos processos de formação dos treinadores das Séries A e B?

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo exploratório descritivo/exploratório.

Segundo Gil (1999), este indica que a pesquisa exploratória, destaca-se por oferecer uma visão mais ampla sobre o fenômeno estudado, expandindo as informações sobre o assunto e aprofundando os conceitos sobre a temática investigada. O autor ainda ressalta que, a parte descritiva é responsável por esmiuçar as características de uma determinada população e/ou amostra, buscando informar sobre fatos, opiniões e comportamento existentes no grupo analisado.

Como foco da análise, foi utilizado os treinadores do Campeonato Brasileiro de Futebol Série A e B de 2017, no qual haviam 40 equipes participantes.

Da Série A: Atlético Goianiense, Atlético Mineiro, Atlético Paranaense, Avaí, Bahia, Botafogo, Chapecoense, Corinthians, Coritiba, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense, Grêmio, Palmeiras, Ponte Preta, Santos, São Paulo, Sport, Vasco e Vitória. Da Série B as equipes são: ABC de Natal, América MG, Boa Esporte, Brasil de Pelotas, Ceará, CRB,

Criciúma, Figueirense, Goiás, Guarani, Internacional, Juventude, Londrina, Luverdense, Náutico, Oeste, Paraná, Paysandu, Santa Cruz e Vila Nova.

Participaram do estudo todos treinadores das Series A e B do Campeonato Brasileiro de Futebol 2017. Os critérios de inclusão da pesquisa foram os treinadores que estivessem a frente das equipes na 28ª rodada da Série A e da Série B.

Para coleta de dados foi utilizada a plataforma eletrônica ogol.com.br, que consiste em um banco de dados disponíveis acerca de atletas, treinadores e equipes, o próprio site dos clubes.

Os dados foram tabulados em planilha eletrônica de Excel inserindo as seguintes informações: equipe e sua respectiva série, nome do treinador, idade, experiência como atleta, nível como ex-atleta, quantidade de clubes dirigidos, formação, quantidade de títulos e o nível dos títulos. Para a análise estatística os dados foram plotados e analisados em planilhas Microsoft Office Excel 2016, foi utilizada a média e desvio padrão, além do coeficiente de variação (%).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o desenvolvimento do trabalho foram analisados ao todo 40 treinadores, 20 destes, pertencentes a times da Série A do Campeonato Brasileiro de 2017 e 20 treinadores das equipes da Série B. Como critério de coleta de dados foi tomada a rodada 28ª como referência analítica.

Em relação a idade, constata-se que os treinadores da Série A e B possuem em média 51,62 anos de idade, variando de forma pequena entre as duas divisões, pois na Série A, com a média atingida foi de 53,9 anos, e na Série B os números são um pouco inferiores comparados aos treinadores da Série B (49,35 anos).

Os dados apontam uma leve tendência para treinadores um pouco mais experientes, em relação a idade em treinadores da Série A, comparado aos da Série B.

Tal fato pode ser explicado primeiramente por se tratar da maior competição de futebol do país, além disso contar com as equipes mais tradicionais o que resultam em grandes responsabilidades. A Série B parece ser um caminho a ser trilhado pelos treinadores para o alcance de alguma equipe da Série A.

A formação de treinadores no Brasil, por muitos anos foi marcada meramente pela formação prática e pela falta de fundamentação científica.

A perspectiva atual na formação de treinadores caminha para uma compreensão construtivista na qual são valorizados o ambiente e a interação do indivíduo com seu contexto, enfatizando o caráter social e da aprendizagem.

A interação do indivíduo com ele próprio, e com o seu ambiente, gera diferentes aprendizagens, no qual essas experiências são os objetos da sua aprendizagem e da sua mudança. A experiência como atleta, a assistência aos colegas, as oportunidades são vistas na maioria das vezes para os treinadores como as principais fontes de conhecimento.

Alguns estudos mais recentes apontam que é mais viável a adoção dos termos: contextos de aprendizagens, na qual se refere ao cenário onde ocorre o processo de aprendizagem, e situações de aprendizagens como a percepção do indivíduo sobre a própria aprendizagem (Milistetd, 2015).

Outro fato bastante importante para a análise de treinadores de futebol é a relação previa com a modalidade, isto é o fato de ter sido ou não atleta profissional.

Os dados apontam que dos 40 treinadores analisados, 30 deles possuem experiências profissionais como ex-atletas de futebol, o que corresponde a 75% dos treinadores.

Os dados salientam ainda que a série A possui o maior número de ex-atletas com dois a mais que a série B, a (Série A, 16 treinadores que já foram atletas e a série B consta que 14 treinadores com experiência).

Destes 30 treinadores ex-atletas, 28 deles possuem experiências nacionais e apenas dois (Fabiano Pessoa Soares - Atlético Paranaense e Milton Cruz - Figueirense) experiência internacional como atletas de alto rendimento.

O Gráfico 1, apresenta o desenvolvimento dos treinadores de acordo ao número de equipes treinadas. Os treinadores foram classificados em Treinadores Iniciantes (1 a 10 times), Treinadores em Consolidação (11 a 20 times) e Treinadores Experientes (acima de 21 times).

De acordo com gráfico acima, percebe-se que os treinadores iniciantes e com menores experiências representam a maior porcentagem com 47% dos treinadores,

seguidos dos treinadores em consolidação com 40% e apenas 13% são treinadores considerados experientes e que já possuem experiências de terem dirigidos mais de 20 equipes.

De forma mais detalhada os dados, são diferentes comparadas as séries A e B, algo salientado na tabela a seguir.

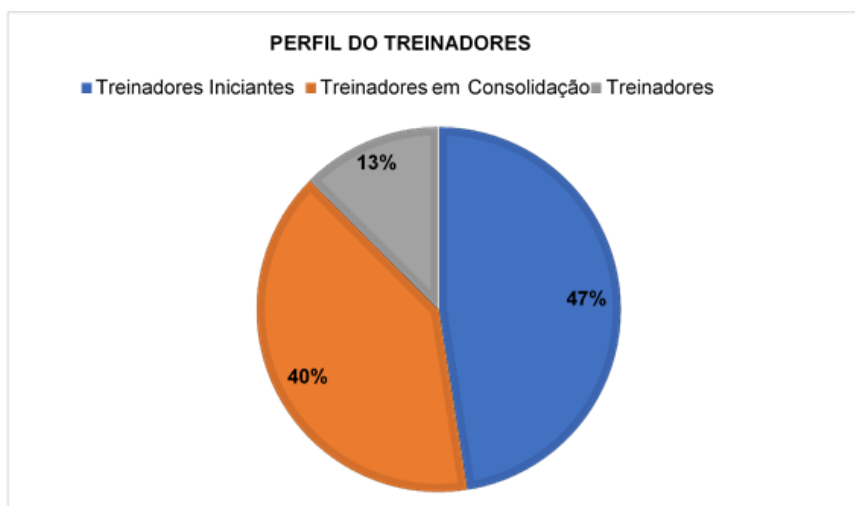


Gráfico 1 - Perfil dos treinadores quanto ao número de equipes treinadas.

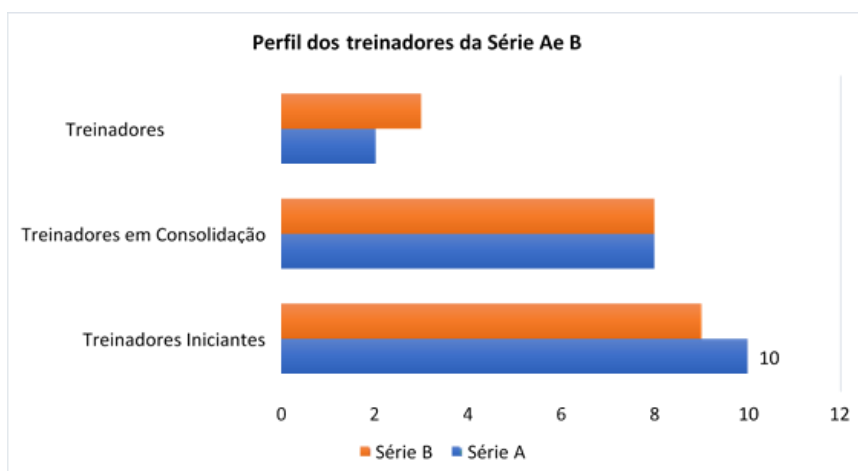


Gráfico 2 - Perfil dos treinadores da Série A e B.

Percebe-se a partir do gráfico acima algumas pequenas diferenças entre os perfis dos treinadores, na medida que apontam alguns elementos importantes. A única diferença entre os treinadores da série A e B são que na série B possui um treinador a mais na categoria experientes e um a menos na categoria treinadores iniciantes.

Os dados apontam que a maioria os treinadores tanto da série A quanto da B são considerados iniciantes na carreira e que estão se aprimorando e buscando conhecimento cada vez mais para acrescentar

nessa área no Brasil, se inspirando em escolas de treinadores da Europa e outros países com uma desenvoltura melhor nesse conceito.

Outro fator bastante debatido e carregado de discussões é acerca da necessidade ou não de uma formação específica para a atuação como treinador de futebol no Brasil.

Após a coleta de dados, dos 40 treinadores, 14 destes são formados em Educação Física, nas quais 9 são formados e

atuam em times da série A e 5 são formados e atuam em equipes da Série B.

Ainda em relação a formação foi identificado que quatro treinadores possuem licença da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), outros quatro encontram-se cursando licença da CBF, apenas um treinador possui o curso da Associação Europeia de Futebol (UEFA, Fabiano Soares Atlético Paranaense) e apenas um treinador possui formação pela Escola Nacional de Treinadores da Colômbia.

Brasil e colaboradores (2015) salientam de forma geral que criação da regulamentação da profissão de educação física e a criação do Conselho Federal de Educação Física traz a prerrogativa de obtenção de título de graduação em educação física e o registro no Conselho Regional como prerrogativas legais para o exercício da função de treinador de modo geral.

De forma prática isto implicaria na obrigatoriedade de cursar a graduação em educação física para qualquer indivíduo que deseja atuar como treinadores desportivo em todas as suas manifestações, porém duas situações são exceção e amparadas pela legislação brasileira.

A primeira no que concerne a treinadores que já atuavam antes da aprovação da respectiva lei (atuação profissional com o título de provisionado) e a segunda exceção se refere justamente a figura do treinador de futebol, na qual é amparado pela Lei 8650/93 que assegura a possibilidade de atuação deste que comprovem a experiência de trabalho nesta área (Brasil e colaboradores, 2015).

Segundo a Lei nº 8.650/1993 para exercer a profissão de Treinador de Futebol ela deve ser preferencialmente exercida por portadores de diploma de cursos de Educação Física, sendo uma profissão de livre exercício, por qualquer pessoa. Assegura preferencialmente: aos portadores de diploma expedido por Escolas de Educação Física ou entidades análogas, reconhecidas na forma da Lei; e aos profissionais que, até a data do início da vigência desta Lei, hajam, comprovadamente, exercido cargos ou funções de treinador de futebol por prazo não inferior a seis meses, como empregado ou autônomo, em clubes ou associações filiadas às Ligas ou Federações, em todo o território nacional (Brasil, 1993).

Segundo o Art. 4º (Lei 8.650/1993) são direitos dos treinadores profissionais de futebol amplo e total liberdade na orientação técnica e tática da equipe de futebol; apoio e assistência moral e material assegurada pelo empregador, para que possa bem desempenhar suas atividades; exigir do empregador o cumprimento das determinações dos órgãos desportivos atinentes ao futebol profissional.

Em relação aos deveres a lei aponta que o treinador de futebol deve zelar pela disciplina dos atletas sob sua orientação, acatando e fazendo acatar as determinações dos órgãos técnicos do empregador e manter o sigilo profissional (Brasil, 1993).

Outra lei importante para treinadores de futebol é a lei que regulamenta a atuação do profissional de educação física na qual interferirá diretamente na formação dos treinadores. Segundo a lei Lei Nº 9.696, de 1º de setembro de 1.998 existe uma disputa forte entre o Conselho Federal de Educação Física e principalmente os sindicatos dos treinadores na tentativa de legitimação de qual posicionamento é o correto para a atuação de treinadores. É necessária formação acadêmica? Ou uma formação específica? Atualmente nesta disputa de força, os sindicatos têm vencido tento em vista que para atuar como treinadores de futebol não é necessário ter formação acadêmica específica.

Para o entender da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) o Conselho Federal de Educação Física não possui amparo legal para fiscalizar a atuação do treinador de futebol sendo, portanto dispensável ao mesmo a habilitação do CREF (EQUIPE UF, 2015). Com isso a partir do decreto Lei 6.354 de 1.976 no seu Art. 27 - Todo ex-atleta profissional de futebol que tenha exercido a profissão durante 3 (três) anos consecutivos ou 5 (cinco) anos alternados, será considerado, para efeito de trabalho, monitor de futebol.

Recentemente o Senador da República Romário com forte relação com o futebol brasileiro aprovou na Comissão de Assuntos Sociais do Senado seu relatório ao projeto de lei 522/2013, que trata das relações profissionais de técnico ou treinador profissional de modalidade desportiva coletiva, incluindo o futebol.

Com a emenda apresentada por Romário, ex-atletas podem exercer a atividade de técnico desportiva que pretendem atuar

desde que comprovem no mínimo 5 anos de atividade com a respectiva modalidade. O projeto é do senador Alfredo Nascimento (PR-AM), os próximos passos é aprovação pela Câmara dos Deputados, porém ainda a temática é fruto de inúmeros debates e embates entre os sujeitos e as instituições envolvidas.

Seguindo a perspectiva de outras confederações esportivas em 2005 a CBF começou com o projeto FIFA *Goal Project* criado para implementar projetos de desenvolvimento do futebol. A Escola Nacional de Treinadores é dividida em quatro níveis e com carga horária de 720 horas, sua proposta é que profissionais da Educação Física, ex-jogadores de futebol, tenham a oportunidade de se qualificar adquirindo as licenças de forma gradativa.

A Escola é dividida em Licença C (professores de escolinhas e projetos sociais), Licença B (treinadores de categoria de base), Licença A (treinadores de equipes profissionais), e Licença Pró (voltado a excelência na modalidade) (CBF, 2017).

Contribuindo com os dados apontados acima foram identificados que, destes 40 treinadores 30 possuem experiência profissional como ex-atleta de futebol, apontando uma forte relação entre a carreira de treinador e a experiência esportiva, prática.

Neste sentido, a formação a nível informal, isto é como ex-atleta tem ocupado local de destaque na constituição dos treinadores, comparado por exemplo a formação a nível formal (formação em Educação Física, etc), e também a nível não formal como por exemplo os cursos ofertados pelas entidades esportivas. Há um grande debate principalmente no interior da Educação se a formação inicial daria conta de contemplar uma formação sólida e consistente para o futuro treinador.

O que tem crescido de forma substancial no Brasil decorrente de movimentos similares na Europa é o fortalecimento da formação não formal, neste caso os cursos ofertados pela CBF.

Segundo Tozetto (2016) ainda que as situações de aprendizagem em contexto formal e não formal tenham relevância para o desenvolvimento das competências do treinador, a situação da aprendizagem informal parece a apresentar maior importância para os

treinadores. Os dados encontrados no trabalho reforçam estes entendimentos.

Destes 30 treinadores que possuem experiência como ex-atleta, oito deles possuem formação em Educação Física. Este fato aponta a busca por estes treinadores em aliar uma formação informal com uma formal. Além disso, dos 10 treinadores que não possuem experiência como atleta, seis possuem a formação em Educação Física, outros três possuem formação não formal (cursos das Confederações) e apenas um não foi encontrado.

Tal fato legitima a ideia de que para atuação daqueles que não uma experiência profissional como atleta, é necessária uma formação que busque dar um respaldo principalmente a nível de graduação de Educação Física ou então através de cursos.

Milistetd (2015) salienta que a aprendizagem de um treinador deve ser reconhecida como um processo contínuo e que tais estratégias formativas devem ser repensadas no decorrer da carreira profissional.

Como já mencionado o autor salienta as experiências em contexto informal, como a própria vivência prática e a interação entre os pares tem sido a principal fonte de conhecimento entre os treinadores esportivos.

Em seus achados, os treinadores reconhecem a preparação formal como importante via para o seu desenvolvimento profissional, no entanto duas críticas são levantadas em relação a este processo de aprendizagem: A primeira relaciona-se a forma como os conteúdos são desenvolvidos marcadamente por estratégias tradicionais e por segundo se refere ao próprio conteúdo presente nesses cursos.

O sucesso do trabalho do treinador caracteriza-se por um conjunto de conhecimentos e competências para além da sua área de intervenção aliando-se a necessidade de se relacionar e com a capacidade de decidir sobre sua prática diária. As pesquisas atuais demonstram que a utilização de estratégias de ensino menos prescritiva, pautada nas interações entre os participantes em situações reais, estimulando a experimentação e a discussão tem sido importantes ações na formação mais sólida de futuros treinadores (Milistetd, 2015).

Segundo Milistetd (2015), adaptado de Trudel e Gilbert (2006) aponta a utilização dos

termos situações mediadas, situações não-mediadas e situações internas de aprendizagem como as mais adequadas para definição de como os treinadores aprendem. A situação mediada é caracterizada como oportunidade de aprendizagem que não é definida pelo aprendiz (cursos de formação, clínicas).

Já as situações não mediadas são definidas como oportunidades de aprendizagem escolhidas pelos próprios treinadores (discussão com treinadores, conversa com atletas) e as situações internas são oportunidades de aprendizagem que não estão relacionadas as informações externas, mas a momentos nas quais os treinadores reorganizam o conhecimento (reflexão, diários, mapas).

Ainda em relação a carreira profissional, identificou-se que apenas 10 treinadores possuem experiências em comandos de equipes a nível internacional. São eles: Oswaldo de Oliveira Filho (Emirados Árabes, Japão e Catar); Fabiano Pessoa Soares (Espanha e Portugal); Paulo César Carpegiani (Arábia Saudita, Paraguai, Equador e Kuwait); Vinícius Eutrópio (Emirados Unidos Árabes, Angola, Portugal e África do Sul); Reinaldo Rueda Rivera (Colômbia e Honduras); Abel Braga (França, Emirados Unidos Árabe e Portugal); Levir Culpi (Arábia Saudita e Japão); Vanderlei Luxemburgo (Arábia Saudita, Espanha e China); Marcelo Chamusca (Japão e Catar); Marcelo Cabo (Kuwait).

Outro fato interessante a ser mencionado é que alguns treinadores, (seis)

Quadro 1 - Treinadores da Série A e seus respectivos títulos.

Treinador	Títulos	Treinador	Títulos
Oswaldo de Oliveira Filho	R: 3, N:10, I:2	Renato Portaluppi	R: 5, N:3, I:4
Claudinei dos Santos Oliveira	Copa São Paulo de Futebol Júnior	Alex Stival	R: 4, N:3, I:1
Paulo César Carpegiani	R: 1, N:2, I:2	Eduardo Alexandre Baptista	R: 2, N:0, I:0
Vinícius Soares Eutrópio	R: 1, N:0, I:1	Levir Culpi	R: 8, N:4, I:2
Fábio Carille	R: 1	Dorival Silvestre Júnior	R: 5, N:2, I:1
Marcelo de Oliveira Santos Uzai	R: 4, N:4, I:0	Vanderlei Luxemburgo da Silva	R: 21, N:7, I:1
Mano Menezes	R: 4, N:5, I:0	José Ricardo Mannarino	R: 1, N:0, I:0
Abel Carlos da Silva Braga	R: 7, N:0, I:0	Vágner Carmo Mancini	R: 4, N:1, I:0

Quadro 2 - Treinadores da Série A e seus respectivos títulos.

Treinador	Títulos	Treinador	Títulos
Itamar Schülle	R: 2; N: 0; I: 0	Augusto Sérgio Ferreira	R: 4; N:1, I:0
Anderson Moreira	R: 4; N:2; I:0	Gilmar Dal Pozzo	R: 1
Valdonado da Silva Xavier	R: 2; N:0; I:0	Cláudio Aparecido Tencati	R: 1
Clemer Melo da Silva	R: 2	José Roberto Fernandes Barros	R: 1
Marcelo Augusto Oliveira Chamusca	R: 2	Roberto Fernando Schmeiger	R: 4; N:1
Uiles Geraldo Gonçalves de Freitas Júnior	R: 2	Marcos Vinícius dos Santos	R: 3; I: 1 categoria de base seleção brasileira
Gilberto Cirilo de Campos	R: 2	Marcelo Martelotte	R: 3; N:1
Marcelo Ribeiro Cabo	R:0; N:1	Hemerson José Maria	R: 1; N:1

possuem também experiências a frente de alguma seleção nacional. São eles: Paulo César Carpegiani (Seleção do Paraguai), Vinícius Eutrópio: (Auxiliar técnico seleção Brasileira); Mano Menezes (Seleção Brasileira); Reinaldo Rueda (Seleção da Colômbia e Seleção de Honduras); Vanderlei Luxemburgo (Seleção Brasileira e Seleção da Arábia Saudita); Marcos Vinícius dos Santos (Seleção Brasileira sub 15).

Em números gerais dos 40 treinadores, 34 possuem títulos, destes: 106 títulos regionais, 47 títulos nacionais e 17 títulos internacionais. O quadro a seguir apresenta os treinadores da Série A e seus respectivos títulos.

Alguns treinadores destacam-se quanto ao número de títulos. Um deles foi Vanderlei Luxemburgo que se destaca com o incrível número de 29 títulos sendo 21 títulos regionais, 7 nacionais e 1 internacional.

Os treinadores da série A que mais apresentam títulos internacionais e nacionais são: Oswaldo de Oliveira com 10 títulos nacionais e 2 internacionais, Renato Portaluppi com 3 títulos nacionais e 4 internacionais, outro com renome no futebol nacional é o técnico Levir Culpi que apresenta 4 títulos nacionais e 2 internacionais e Reinaldo Rueda o Colombiano com 3 nacionais e 2 internacionais.

Em relação aos dados dos treinadores da Série B o quadro a seguir apresenta os títulos internacionais, nacionais e regionais dos treinadores.

Já na série B o treinador que mais se destaca em relação aos títulos é Enderson Moreira com 6 títulos, sendo 4 regionais e 2 nacionais.

A grande maioria dos treinadores da Série B apresentam um número considerável em títulos de nível regional. Mas treinadores como Marcos Vinícius dos Santos tem em sua carreira um título internacional à frente da Seleção Brasileira de categoria de base, levando o título do Sul-americano da categoria Sub 15, que é um treinador que tem a formação em Educação Física com o Bacharel.

Comparando os dados das duas divisões pode-se concluir que há uma grande diferença em relação a títulos e conquistas entre os treinadores da Série A e da Série B. O treinador com maiores números da série A é Vanderlei Luxemburgo com 29 títulos diferenciando entre internacionais, nacionais e regionais, enquanto o treinador da Série B que mais se destaca é Enderson Moreira com apenas 6 títulos, destes nenhum de renome internacional.

Com esses dados tende-se a apontar que os treinadores da Série A possuem uma carreira com mais experiência e conquistas do que os treinadores da Série B, o nível dos campeonatos que são disputados pelos times da Série A abrangem tanto o cenário nacional, quanto o cenário internacional, onde uma equipe que está disputando o campeonato brasileiro da Série A, pode estar disputando ao mesmo tempo a Copa do Brasil e ainda estar disputando a Taça Libertadores da América, fazendo com que os treinadores precisem utilizar muito a estratégia para a escalação dos seus jogadores e necessitando muito da sequência de treinamentos para que os atletas estejam aptos para atuarem.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo identificar o perfil dos treinadores de futebol das Séries A e B do Campeonato Brasileiro de 2017 sendo norteado pelas seguintes questões de pesquisa: Qual o perfil dos treinadores de futebol das Séries A e B quanto a idade, ao número de equipes e títulos? Qual a relação entre o fato de ter sido ex- atletas e a função de treinador de futebol? Quais as características dos processos de formação dos treinadores das Séries A e B?

O desenvolvimento do manuscrito possibilitou uma análise criteriosa dos treinadores da Série A e da Série B do campeonato Brasileiro de 2017, encontrando elementos importante a serem destacados.

Os resultados apontam que dos 40 treinadores das duas séries respectivas, 30 deles tiveram a experiência como ex-atleta, possuindo a vivência da prática desportiva de alto rendimento, indicando que a experiência prática pode auxiliar na formação do futuro treinador.

Outro fato a ser salientado foi de que dos 40 treinadores apenas 14 que são formados em Educação Física e os outros treinadores apresentam cursos e licenças tanto da Confederação Brasileira de Futebol, como de outras confederações mundiais.

Outro fato é a importância de se estudar os treinadores de futebol no contexto brasileiro, afim de entender o que um treinador de futebol passa para atingir o grande êxito e as grandes conquistas no Brasil e mundo a fora.

As escolas de treinadores nacionais estão cada vez mais se capacitando e melhorando os seus conceitos para chegar ao patamar tão desejados visando os países de maior renome mundial nesse conceito.

Pode-se dizer que os treinadores brasileiros em um modo geral são considerados treinadores iniciantes, mas que estão cada vez procurando buscar o conceito e a experiência tanto prática quanto teórica, mostrando o quão apto eles estão a assumir um clube de futebol.

REFERÊNCIAS

1-Brasil. Lei nº 8.650, de 20 de abril de 1993. Dispõe sobre as relações de trabalho do Treinador Profissional de Futebol e dá outras providências. Documento Oficial da União, Brasília-DF, 22 de abril de 1993.

2-Brasil, V. Z.; e colaboradores. A formação profissional para treinadores de surf no Brasil. In: Nascimento, J. V.; Souza, E. R.; Ramos, V.; Rocha, J. C. S. (Orgs.). Educação Física e Esporte: convergindo para novos caminhos... Florianópolis: Editora da UDESC. p. 357-382. 2015.

3-Confederação Brasileira de Futebol 2017. Disponível em:

<http://www.cbf.com.br/cbfacademy/pt/home/>.

Acesso em: 16/08/2017.

4-Equipe UF. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/>. Acesso em: 10/08/2015.

5-Gallati, L.; e colaboradores. Coaching in Brazil Sport Coaching as a Profession in Brazil: An Analysis of the Coaching Literature in Brazil From 2000-2015. *International Sport Coaching Journal*. Vol. 3. p.316 -331. 2016.

6-Gil, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 2ª edição. São Paulo. Atlas. 2002.

7-Mesquita, I. O papel das comunidades de prática na formação da identidade profissional do treinador de desporto. In: J. Nascimento, V. Ramos; F. Tavares (Org.) *Jogos desportivos: Formação e investigação*. Coleção Temas Movimento: Florianópolis, p. 295-318. 2013.

8-Milistetd, M. A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: análise das estratégias de formação inicial em Educação Física. Tese Doutorado em Educação Física Centro de Desportos. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2015.

9-Talamoni, G. A.; Oliveira, F. S.; Hunger, D. As configurações do futebol brasileiro: Análise da trajetória de um treinador. *Movimento*. Vol. 19. Num. 1. 2013. p. 73-93.

10-Tozetto, A. V. B. Desenvolvimento profissional de treinadores de jovens: Análise das ações formativas em um clube de futebol de elite. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2016.

11-Trudel, P.; Gilbert, W. Coaching and Coach Education. In: Kirk, D.; Macdonald, D.; O'Sullivan, M. M. (Ed.). *The Handbook of Physical Education*. London: Sage, 2006. p. 516-539.

Recebido para publicação em 17/05/2018

Aceito em 29/07/2018